



Estudos Semióticos - número dois (2006)

## A poesia visual no livro *Et Eu Tu*

Leandro NUNES (USP)  
e Rita de Cássia F. de SOUZA (USP)

**RESUMO:** O presente artigo visa uma abordagem semiótica das poéticas da expressão e do conteúdo no poema “Coisa em si não existe” e em suas imagens, que fazem parte do livro *ET Eu Tu*, do poeta Arnaldo Antunes e da fotógrafa Márcia Xavier. Serão analisados os códigos: verbal (poesia) e não - verbal (fotografias) e sua fusão semi - simbólica formando um novo código: a poesia visual.

**PALAVRAS-CHAVE:** poesia, fotografias, poesia visual

**ABSTRACT:** *This article has a semiotic view of the poetic expression and it's based on the poem “Coisa em si não existe” and its images, that are part of the poet Arnaldo Antunes' and the photographer Marcia Xavier's book ET Eu Tu. The following codes will be analyzed: verbal (poetry) and non – verbal (photographs) and their semi-symbolic fusion, which will be turned into a new code: the visual poetry.*

**KEYWORDS:** *poetry, photographs , visual poetry*

## 1. Arnaldo Antunes

Arnaldo Antunes é poeta, cantor e compositor natural de São Paulo, capital. Inicia sua vida acadêmica no ano de 1978, quando começa a cursar Letras na Universidade de São Paulo – USP.

Sua trajetória musical ganha destaque com o grupo os Titãs, do qual fez parte por dez anos. Compôs e compõe músicas em diversos estilos, principalmente, em MPB.

O ano de 1983 marca o início de sua trajetória poética, quando publica seu primeiro livro *OU E*, um álbum de poemas visuais editado artesanalmente. A partir deste livro, os poemas de Antunes irão se caracterizar, justamente, por este traço visual.

Antunes irá buscar inspiração na construção de seus poemas visuais, nos poetas concretos, principalmente, Haroldo de Campos. Além do livro *OU E* (1983), podemos destacar outros livros de poemas visuais de Antunes: *Tudos* (1990), *As coisas* (1992), *2 ou + corpos no mesmo espaço* (1997), *Palavra Desordem* (2002), entre outros, ([http:// www.arnaldoantunes.com.br](http://www.arnaldoantunes.com.br)). Antunes se enquadra como um poeta concreto, pelo fato de seus poemas serem visuais como dos concretistas, porém seu livro mais atual, *ET Eu Tu* (2003), objeto de nossa análise, apresentará poemas mais verbais, que agregados as imagens da fotógrafa Márcia Xavier, ganharam uma característica imagética.

Alguns poemas visuais de Arnaldo Antunes se enquadram no semi - simbolismo da semiótica verbal, pois apresentam uma mesma categoria formal que organiza tanto o plano do conteúdo quanto o da expressão, e que dependem diretamente com tema dos poemas. A maior parte deles apresentam estruturas morfológicas e sintáticas revestidas de traços semânticos, que produzem efeitos de sentido no plano do conteúdo (semântica) e efeitos prosódicos (fonética) no plano da expressão.

## 2. ETEU TU

O poema e as imagens a serem analisadas foram tirados do livro *ET Eu Tu* (2003), do poeta Arnaldo Antunes e da fotógrafa Márcia Xavier. O poema fala sobre a existência do ser, afirmando que a existência está relacionada ao que se sente. Já, as partes visuais, que se localizam ao lado do poema, mostram imagens de uma borboleta e de mãos humanas. A figura visual final é a junção dessas duas figuras, que formam o ser existente, ao qual se refere o poema.

Os dois artistas se conheceram em Cuba, na Bienal de Havana. Xavier propôs a Antunes fazerem algo juntos e a partir daí começaram a trocar e-mails. Ela mandava fotos e Antunes a partir delas fazia os poemas. O objetivo de Xavier, ao propor esse trabalho ao poeta, era o de explorar a relação entre palavra e imagem.

A fotógrafa e o poeta só a partir da vigésima imagem começaram a pensar no livro. O próprio Antunes em uma entrevista que a editora fez com os autores diz: “Preferimos deixar engrossar o material antes de nos encontrarmos para trabalhar o projeto gráfico”, ([http:// www.cosacnaify.com.br](http://www.cosacnaify.com.br)).

Quando observamos o livro como um todo, verificamos que a passagem de uma imagem e de um texto para outro se dá por meio de uma associação temática, em que a categoria semântica que rege todo o livro é totalidade x parcialidade. A relação entre o texto e o plástico se dá também através do contraste de diferentes temas; ora por um aspecto formal, como o ritmo de um poema. Essa passagem de uma imagem e de um texto a outro, gera novos sentidos, como se toda a seqüência do livro fosse um grande poema visual.

Segundo Xavier, o livro está sempre mudando, seus trabalhos tem a meta de mostrar a desconstrução do indivíduo. A forma de trabalho da fotógrafa teve influência direta na composição dos poemas de Antunes, isso pode ser verificado, na quebra de palavras e ritmos dos poemas. Antunes diz que “a desconstrução do indivíduo reverbera na coisa sintática dos poemas, como nos cortes das palavras que passam a sugerir outras, ou na junção entre elas”.

O livro *ET Eu Tu* foge do molde dos livros de Arnaldo Antunes. Segundo a editora que publicou o livro, Arnaldo aproveitou menos a forma “poema visual”, que havia em seus outros livros, e foi até mais lírico, pois sua ênfase criativa foi voltada para o conteúdo poético, estabelecendo relações entre o corpo e a nuvem, os carrinhos de supermercado, o mar; em que as coisas entram como ponto de partida para metáforas do corpo.

Antunes diz a respeito disso: “Há em várias fotos alguma coisa sensitiva que motivou a construção do poema. No caso deste livro, eu evitei incluir poemas visuais, queria que eles ficassem no verbal para que esse atrito de códigos se desse estritamente na relação dos poemas com as fotos”.

O livro apresenta como marca interessante a construção de um texto, a partir de uma descontração das imagens. Os poemas são construídos da quebra dos versos com a fragmentação de vocábulos entre linhas, característica dos poetas concretos. Segundo Antunes, esse tipo de fragmentação sugere mais de um discurso num mesmo espaço sintático. O mesmo diz que já usava deste recurso em seus livros principalmente, no 2 *ou + corpos no mesmo espaço* e que esse caminho formal foi muitas vezes motivado pelos recortes e montagens das imagens de Xavier.

Podemos concluir, nessa breve contextualização do livro *ET Eu Tu*, na qual recai a nossa análise, que esse livro não é um livro de poemas de Antunes, nem de fotografias de Xavier, mas uma parceria entre dois códigos: a poesia representando o verbal e a fotografia representando o plástico, visual. O livro, como Antunes disse anteriormente, é um grande poema visual.

### 3. Plano do conteúdo

No livro *ET Eu Tu*, a análise do plano do conteúdo, que recairá sobre o poema “Coisa em si não existe”, está intimamente ligada ao plano da expressão que será explicado mais adiante.

Coisa em si  
não existe

tudo tende  
    pende  
    depende

o mar que molha  
    a ilha molha  
    o continente

    o ar que se  
    respira traz  
o que recende

    coisa em si  
    não existe

tudo é rente  
    tangente  
    inerente

    pedra  
assemelha  
    semente

sol nascente:  
    sol poente

    coisa em si  
    não existe

mesmo que  
    aparente

    coisa em si  
    coisa só  
parida do seu  
    próprio pó

sem sombra  
    sobre  
    a parede

    sem mar  
    gem  
ou afluyente

não existe  
coisa assim

isenta  
sem ambiente

não há coração  
sem mente

paraíso  
sem serpente

coisa em si  
inexiste

só existe  
o que se  
sente

Na análise do plano do conteúdo, passaremos pelos três níveis do percurso gerativo do sentido, partindo do mais específico e concreto (discursivo) até o mais geral e abstrato (fundamental).

### 3.1 Nível discursivo

Observamos na sintaxe discursiva o uso das categorias de pessoa, espaço e tempo.

Na categoria de “pessoa”, o autor utiliza palavras como: *Mar, ar* etc., que remetem a uma terceira pessoa (ele/a) e também emprega verbos na terceira pessoa: *molha, traz, existe*. Na categoria de “espaço”, utiliza o espaço do “lá” (o universo do lá), exemplo: *o mar, a ilha, o continente*, etc. A categoria de “tempo”, se enquadra no universo do “então”, não havendo menção a tempo presente ou passado.

A enunciação do poema é, portanto enunciva (desembreagem enunciva). O quadro que segue abaixo ilustra esse tipo de enunciação:

Enunciação	Pessoa	Tempo	Espaço	Efeito de sentido	Relação Enunciação-Enunciado
Enunciva	Ele/a	Então	Lá	Objetividade	Distanciamento

Na semântica discursiva encontramos a tematização da percepção; da existência do ser: tanto o poema como a figura remetem ao questionamento do que constitui um ser existente, há um questionamento entre o que é ser e entre o que é parecer, entre o que se sente e não se sente, enfim entre o que é vivo e não é vivo.

A figurativização constitui um novo investimento semântico, pela instalação de figuras do conteúdo que se acrescentam aos temas. São instaladas figuras semióticas tanto verbais como visuais que criam um efeito de realidade que instala uma mediação por meio da enunciação entre o mundo e os discursos verbal e não-verbal. Como figuras verbais temos, por exemplo, *o mar, a ilha, o continente*. Já as figuras visuais são as figuras da borboleta e das mãos que em separado representam a parcialidade e em conjunto a totalidade (borboleta + mãos); cada movimento das figuras compõe o todo da figura final.

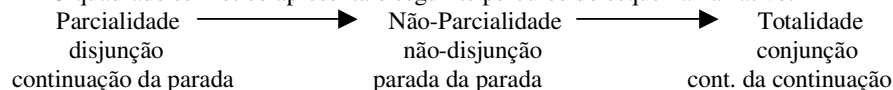
### 3.2 Nível narrativo

Na semântica narrativa, o enunciador busca a conjunção com a existência (*coisa que se sente*) representada pela totalidade e deseja se afastar da (*coisa em si*), representada pela parcialidade. O primeiro esquema do poema ilustra o estado de conjunção do enunciador com o objeto de valor: totalidade, já o segundo esquema mostra sua relação de disjunção com o mesmo objeto de valor:

1) S1 (eu-lírico) $\cap$ objeto de valor (totalidade)	2) S1 (eu-lírico) $\cup$ objeto de valor (totalidade)
---	---

Ocorre no texto a oscilação entre parcialidade e totalidade. No início, predomina a parcialidade que é “coisa em si”, já no final do poema predomina a totalidade, que é “coisa que se sente”.

O quadrado semiótico apresenta o seguinte percurso do esquema narrativo:



O enunciado do ser rege o poema, apresentando o estágio modal do QUERER para o SABER. O percurso narrativo gera as seguintes paixões: a parcialidade gera a paixão do desejo, ao passo que, a totalidade gera a paixão do desprendimento.

A sintaxe narrativa do poema de Arnaldo apresenta o seguinte esquema narrativo:

#### Manipulação

Tentativa do enunciador em manipular o leitor através do uso de recursos verbais e visuais.

Como recursos verbais, temos: o uso de palavras que afirmam a totalidade, tais como: *o mar que molha, o ar que se respira, semente, sol nascente, paraíso*, e outras que remetem a parcialidade como: *ilha, continente, pedra, coração* (que fazem alusão a estados de natureza estática, “sem vida”).

Como recursos visuais, observamos a parcialidade retratada nas figuras da borboleta e das mãos, onde a primeira figura parece ser uma jóia metálica, que, mais uma vez, afirma a estaticidade causada pela parcialidade. Encontramos a mesma idéia, por meio da referencia a dois diferentes tipos de metais: ouro e prata, que remetem à idéia de natureza inorgânica, estática. As mãos são apresentadas cada uma em separado, aludindo também, à parcialidade. Além disso, o corpo humano não é mostrado como um todo, apenas uma parte dele é mostrada, as mãos, referindo-se novamente à parcialidade.

No início, são mostradas partes de uma figura aparentemente dispersas, para quem as vê, mas no final quando se reúnem, adquirem sentido, formando uma figura coerente para quem as observa. Assim, nota-se que a parte verbal do poema e a visual das fotos querem transmitir o mesmo sentido: “coisa em si não existe, só existe o que se sente”. Ao se relacionar o visual e o verbal, concluímos que os autores enfatizam a busca da totalidade, através do “que se sente”, pois diferentes elementos em determinados ambientes (contextos) determinam a existência de um “todo”.

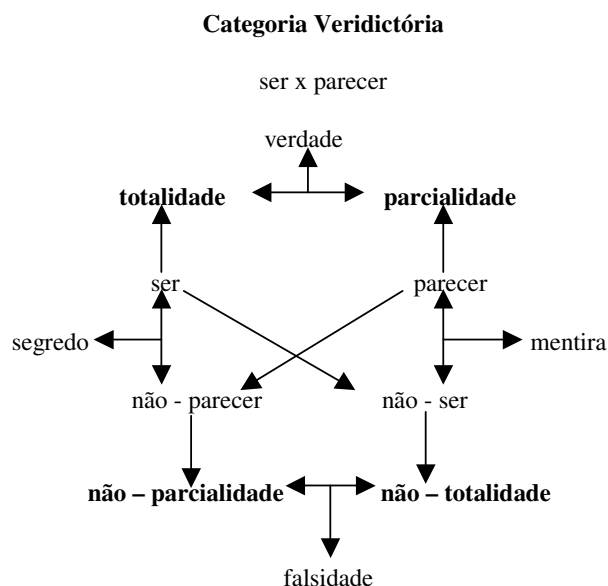
### Ação

Há ação tanto no poema como na figura; seu percurso vai da parcialidade para a totalidade.

Na ação verbal há a transição da parcialidade (relatividade) para a totalidade. O autor faz uso dos mesmos elementos da manipulação, numa seqüência ilustrativa de partes (no início) que ao final formam um todo existencial. Na parte visual, ou seja, nas figuras, há a mesma transição da parcialidade para a totalidade. No início são mostradas partes da borboleta e das mãos (parcialidade) e ao final essas imagens se reúnem: borboleta + mãos (totalidade).

### Sancção

O eu - lírico sanciona positivamente a totalidade representada pela verdade, ou seja, aquilo que é e parece, porém, sanciona negativamente a parcialidade representada por aquilo que não-parece e não é, a falsidade. O poema e as figuras exploram a relação entre o que se sente (totalidade) com o que não se sente (parcialidade), podendo-se associar o primeiro ao ser (algo vivo) e o segundo ao parecer (algo não – vivo).



### 3.3 Nível Fundamental

Como foi apontado no nível narrativo, podemos depreender do texto os objetos de valor totalidade e parcialidade, que geram a categoria semântica *totalidade x parcialidade*, no nível fundamental, em que a totalidade é euforizada e a parcialidade é disforizada pelo enunciador.

A marca de euforia do poema é representada pela frase: “só existe o que se sente”, bem como outras marcas usadas na disposição das figuras, em que aparecem borboleta e mãos gradativamente colocadas, formando no final uma idéia de totalidade. A disforia é acentuada pela fragmentação de palavras no texto do poema, bem como na fragmentação das imagens.

Observa-se no percurso figurativo do poema a ênfase na busca do indivíduo pela construção. Ele faz o percurso da desconstrução para a construção, tentando entrar em conjunção com esta última; isso é mostrado a partir dos próprios fragmentos do poema e das fotos como nos exemplos: “tudo tende/ pende/ depende”, “sem mar/ gem/ ou afluente”, entre outros.

Além de marcas fônicas, essa categoria semântica também é revestida por uma tensividade e por uma deriva narrativa.

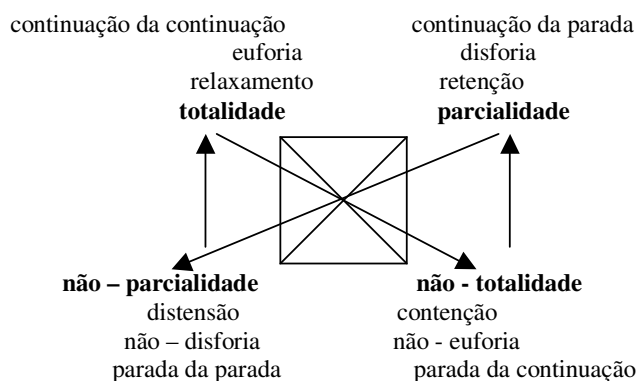
No início do poema, o eu - lírico mostra-se em estado de tensão e de disjunção, pois almeja um objeto de valor que ainda não adquiriu; ao longo do poema sua tensividade vai se modificando, pois consegue entrar em conjunção com o objeto, finalizando o seu percurso tensivo em estado de relaxamento.



Observa-se também, por meio da deriva narrativa, que o enunciador aparece em continuação da parada em relação à parcialidade e termina o poema em continuação da continuação em relação à totalidade.

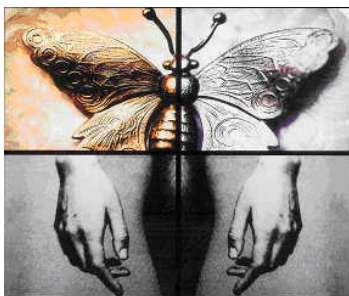
Na sintaxe fundamental, podemos observar a relação da categoria semântica *totalidade x parcialidade* e as categorias fórica e tensiva, bem como sua deriva narrativa, no quadrado semiótico abaixo:

• **Sintaxe fundamental**



#### 4. Plano da expressão

Partindo para o plano da expressão, podemos analisar as partes visuais (fotos) que se localizam ao lado do poema. Para efeito didático será mostrada, a última figura que reúne todas as imagens mostradas:



##### 4.1 Categorias depreendidas no plano da expressão:

Podem ser depreendidas do plano da expressão as seguintes categorias:

Categoria topológica: *superior x inferior*

Categoria cromática: *colorido x preto e branco*

As figuras na fotografia são: borboleta de metal (parte superior) e mãos humanas (parte inferior).

A borboleta representa o racional (o que não se sente), pois remete aos membros superiores do corpo, principalmente a cabeça, relacionada ao pensamento e a racionalidade. Já, as mãos representam o emocional (o que se sente), por remeterem ao sexo, a sensibilidade, sua posição na figura fica abaixo, onde se localizam os órgãos sexuais, a própria figura das mãos parece fazer alusão a uma vagina. Essa sensibilidade aludida as mãos, também está relacionada ao sentido do tato, pelo fato de as mãos serem algo vivo que pode sentir, ao passo que a borboleta de metal, por ser de natureza inorgânica, não possui essa característica.

A figura final é formada pela junção da “coisa em si” (borboleta) com “o que se sente” (mãos). O movimento da figura é de cima para baixo. Inicia-se no inteligível (borboleta) e termina no sensível (mãos). Tanto o poema como a figura, fazem um movimento do racional para o emocional, porém esse movimento apresenta uma particularidade, a dependência mútua entre o racional e o emocional e vice-versa, como Antunes se refere no poema “Coisa em si não existe” com a expressão: “não há coração sem mente”.

Além da categoria topológica, a cromática merece destaque: a borboleta da figura é prateada e dourada, sendo provavelmente, uma jóia. As mãos humanas estão em preto e branco. A clareza, o brilho da borboleta contrasta de forma explícita com a escuridão das mãos. Essa clareza da borboleta, mais uma vez, faz alusão ao racional (luz, clareza das idéias), que é constante, enquanto as mãos em preto e branco, remetem ao emocional, que é inconstante.

Juntamente com figuras, podemos enquadrar ao plano da expressão a sonoridade que permeia todo o poema “Coisa em si não existe”. São evidentes os contrastes entre os fonemas /k/ e /s/ como no trecho: “coisa em si/ coisa só” e os contrastes entre os fonemas /p/ e /s/ como em: “coisa em si/ coisa só/ parida do seu/ próprio pó”.

#### 4.2 Semi – simbolismo

O plano do conteúdo representado pelo poema está subordinado ao plano da expressão representado pelas figuras da borboleta e das mãos.

A categoria semântica apreendida do poema de Antunes (*totalidade x parcialidade*), relaciona-se diretamente com as categorias cromática e topológica, das figuras. Além disso, a categoria do plano do conteúdo, pode ser aplicada à expressão, pois as figuras são mostradas em sua parcialidade e ao final quando se reúnem formam um todo.

O poema e as fotos exploram a relação entre a totalidade e a parcialidade, bem como a relação entre o emocional e o racional. Isso se refere diretamente à teoria semiótica, no que diz respeito às categorias: semântica, fórica, entre outras. Um termo se define em relação a outro. Nunca um termo irá existir sozinho, precisará se comunicar com outro termo, para adquirir existência.

Nesse sentido o autor (Antunes), relaciona o início do poema: “Coisa em si não existe”, “mesmo que aparente”, “isenta sem ambiente”, com cada parte das figuras. O

fim do poema: “só existe o que se sente”, ele relaciona, com a última figura, que reúne todas as partes. Portanto, a idéia central do poema das fotos é a seguinte: “as coisas em si” (parcialidade), só existem, quando são sentidas em sua totalidade.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, A. & XAVIER, M. *ET Eu Tu*. São Paulo: Cosac & Naify. 2003.

ANTUNES, A. *Palavra desordem*. São Paulo: Iluminuras. 2002.

\_\_\_\_\_. *2 ou + corpos no mesmo espaço*. São Paulo: Perspectiva. 1997

\_\_\_\_\_. *As coisas*. São Paulo: Iluminuras. 1992

\_\_\_\_\_. *Tudos*. São Paulo: Iluminuras. 1990

\_\_\_\_\_. *OU E*. São Paulo: editado artesanalmente. 1983

ARNALDO ANTUNES. Compositor e cantor de São Paulo. Agenda, biografia,

discografia, letras, fotos e artigos. Disponível em :[http:// www.arnaldoantunes.com.br](http://www.arnaldoantunes.com.br)

COSACNAIFY. Editora na que atua na área de artes e literatura. Disponível em :<http://www.cosacnaify.com.br>

### Como citar este artigo:

NUNES, Leandro; SOUZA, Rita de Cássia F. de. A poesia visual no livro "Et Eu Tu". **Estudos Semióticos**, Número 2, São Paulo, 2006. Disponível em <[www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es](http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es)>. Acesso em "dia/mês/ano".